

NO  
*vai*  
*e*  
*vem*  
DA VIDA

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094  
vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

# Pedro Santiago

*pelo espírito* Dizzi Akibah

NO

*vai*

*e*

*vem*

DA VIDA

Capivari-SP

- 2017 -

© 2017 Pedro Santiago

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com a Prefeitura Municipal e outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – fevereiro/2017 – 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Victor Benatti

REVISÃO | Rubens Toledo

#### Ficha catalográfica

Akibah, Dizzi, (Espírito)

No vai e vem da vida / pelo espírito Dizzi Akibah;  
[psicografado por] Pedro Santiago – 1ª ed. fev. 2017 – Capivari-  
SP: Editora EME.

288 pág.

ISBN 978-85-9544-001-2

1. Romance mediúnico. 2. Resgate do passado. 3. Planejamento  
reencarnatório. 4. Lei do retorno. I. TÍTULO

CDD 133.9

# SUMÁRIO

Palavras do autor espiritual.....	9
<b>PARTE UM.....</b>	<b>13</b>
Capítulo um - Mente Em Desalinho .....	15
Capítulo dois - Ante si mesmo .....	45
Capítulo três - Persistindo nos enganos.....	55
Capítulo quatro - Buril da consciência .....	67
Capítulo cinco - Perdão incondicional .....	97
Capítulo seis - Resolvendo pendências .....	109
Capítulo sete - Proveitosa excursão .....	127
Capítulo oito - Momento emotivo .....	147
Capítulo nove - Despedida .....	165
<b>PARTE DOIS .....</b>	<b>175</b>
Capítulo dez - Tempo de colheita .....	177
Capítulo onze - Mudando rumos.....	211
Capítulo doze - Proposta surpreendente .....	223
Capítulo treze - Retorno de Osvaldo .....	231

Capítulo quatorze - Um sonho real .....	243
Capítulo quinze - Presentindo a hora .....	253
Capítulo dezesseis - O adeus .....	261
Capítulo dezessete - Na estância.....	269

*Neste educandário chamado Terra, nós,  
alunos rebeldes, estamos sempre  
retomando velhas lições.*





# PALAVRAS DO AUTOR ESPIRITUAL

A AFIRMAÇÃO DE Jesus de que “*nenhuma ovelha ficaria fora do rebanho*” constitui, para todos nós, uma confortadora esperança e nos leva à compreensão de que somos herdeiros de recursos divinos, inesgotáveis, instituídos nas leis eternas e imutáveis, os quais proporcionam a todos nós a oportunidade de regeneração moral e, conseqüentemente, desenvolvimento espiritual.

Pois, se assim não fosse, o divino Mestre não teria atraído para a sua seara divina o audaz perseguidor dos primeiros cristãos, despertando-o com a simples pergunta: *Saulo, por que me persegues?* E o jovem doutor da lei, tocado pela luz do amor, transformou-se, constituindo-se em um dos principais divulgadores da Boa-Nova, cuja história é sempre lembrada como exemplo de coragem, persistência, determinação e convicção tão profunda, que, antes de terminar a sua existência, dedicada na totalidade ao cristianismo nascente, afirmou: “Já não sou eu que vivo. É o Cristo que vive em mim”.

Não teria, da mesma forma, o Mestre divino, justo e amoroso, indicado a Madalena um novo caminho, ao aconselhá-la: *Vai e não peques mais*. E mais adiante num rápido diálogo: *Ame e sirva*. E a mulher, conhecida como pecadora, rompeu as barreiras do mal moral, abriu as comportas do íntimo e permitiu que a luz do amor clareasse

o novo caminho sugerido, que, doravante, foi percorrido com perseverança e dignidade, até o final da existência.

Se Jesus, o divino Mestre da sabedoria e da bondade assim agiu, quem somos para julgar irmãos nossos que, moralmente enfermos, caem na marginalidade da corrupção, da perversão ou quaisquer outros tipos de crimes? Não foram eles, também, criados pela essência do amor divino? E quem pode garantir que eles não estão passando por caminhos por nós já percorridos?

Afinal, é a lágrima derramada e o suor do esforço empreendido que, revertidos em educação moral, direcionam a criatura humana para os caminhos indicados por Jesus, a luz do mundo!

Que as histórias de Paulo de Tarso e de Maria de Magdala nos sirvam de exemplo, mas que não nos esqueçamos de que a reencarnação, por si mesma, fundamenta histórias que a própria vida conta; que podemos retirar, destas mesmas histórias narradas pela vida, importantes ensinamentos para aplainar os caminhos a serem percorridos; que não nos passem despercebidas as minúcias nelas contidas, para que, mais tarde, não sintamos vergonha de certas situações contidas na história narrada pela nossa própria vida, como as que se encontram relacionadas com o personagem principal deste novo romance que, com muita alegria, passo às suas mãos.

Será fácil notar, durante a leitura, que ações consideradas habitualmente de pouca importância acabam repercutindo, quer positiva ou negativamente, na vida das pessoas, e também, por consequência, em nossas vidas, já que muitos enganos podem se encontrar simplesmente na aparência.

Afinal, no que parece ser nem sempre se encontra a verdade; notará, também, que o perdão, conforme o ensinamento de Jesus, não ocorre simplesmente através de expressões desprovidas de sentimento, mas, sim, por ação do amor; que o ser espiritual, quer esteja encarnado ou desencarnado, não deixa de ser, por haver delinquido, um projeto divino fadado à iluminação e à felicidade plena, uma vez

que a Justiça Divina se encarrega de alcançá-lo, no tempo e momento certos, não para castigá-lo, mas, sim, para educá-lo e, consequentemente, ajustá-lo nos ditames das leis universais.

Como ainda exemplifica a presente história, o soerguimento do espírito, seja qual for a sua situação moral, estabelece-se na prática das lições luminosas do Evangelho. E, finalmente, exemplifica que, quem porventura procurar conhecer o divino Mestre, jamais o esquecerá! O livro cita, ainda, a reencarnação como um exemplo do perdão de Deus, a repercussão dos nossos atos incursos na lei de causa e efeito sob a decorrência de emoções e expectativas.

Rogando ao divino Mestre a bênção do seu amor para as nossas vidas, expresso a minha gratidão e o desejo de um bom proveito na leitura desta nova obra.

Salvador, julho de 2016.

Dizzi Akibah

### **Observações do médium:**

Minúcias do local no mundo espiritual, denominado Estância Espiritual, onde transcorre parte da presente história, foram evitadas na narração, segundo o autor espiritual, para não desviar, por curiosidade, do objetivo real do trabalho que é a reafirmação da eficácia de três lições luminosas de Jesus: *Nenhuma ovelha ficará fora do rebanho; o amor cobre a multidão de pecados, e o perdão de Deus, ensejando nova oportunidade de refazimento.*

Espero que o sentido das citadas lições, perceptíveis no comportamento dos personagens, seja assimilado por cada um de vocês, caros leitores, e que recebam o meu agradecimento e votos de uma boa e proveitosa leitura.

Salvador, setembro de 2016.

Pedro Santiago



*parte um*



*capítulo um*

## MENTE EM DESALINHO

*A compreensão e a aceitação do sofrimento são sempre proporcionais ao grau de adiantamento moral do ser.*

**Dizzi Akibah**

MESMO DEPOIS DE muitos anos de angústia, desespero e incertezas, experimentando efeitos amargos de ações perpetradas na sua última existência material, Monteiro, que havia desencarnado na madureza da idade, ainda insistia em relutar contra os reclames da consciência, na tentativa de se convencer de que teria sido levado aos graves erros cometidos e que, por isso, a sua culpabilidade se encontrava tão somente na natureza das reações, exonerando-se das causas, as quais, atribuía aos que sofreram os resultados maléficos das suas ações. Mas, apesar da atitude equivocada, ele já se encontrava convencido de que, para amenizar o sofrimento que experimentava, era-lhe imprescindível antes de tudo, adotar mudanças no seu comportamento moral.

Assim foi que, no auge do sofrimento, ele, que até então não dava crédito à possibilidade da intervenção das leis divinas na vida

da criatura humana, mirou em todas as direções do ambiente deletério em que se encontrava e, percebendo que tudo ali se resumia, apenas, em sofrimento e desespero, voltou a frente ao alto na tentativa de contemplar o espaço celeste, os raios solares, as nuvens levadas pelas lufadas do ar, como fazia quando ainda encarnado, mas não conseguiu, pois, entre o local onde se encontrava e o espaço celeste, havia um nevoeiro formado pelas mentalizações dos que ali se torturavam diante da própria consciência, o que deixava aquele ambiente sempre nebuloso.

Profundamente entristecido, começou a chorar, mas, em vez de lágrimas, fluía dos seus olhos um líquido de aspecto escuro e lodoso. Depois de breves momentos nesse estado psíquico, fechou os olhos e, embora a gritaria e o clamor vindos de todas as direções, fixou a mente nas lembranças do seu antigo lar, onde, quando ainda criança, a sua mãe colocava-o de joelhos e de mãos postas em forma de oração, para recitar a oração Pai-Nosso, e, em seguida, falar-lhe de Deus como Criador, de Suas leis imutáveis, da justiça divina, da misericórdia e, sobretudo, da importância de pautar a vida nos ensinamentos de Jesus, e, com a voz embargada pela forte emoção, passou a falar para si mesmo:

– Que fiz dos ensinamentos da minha bondosa mãe, sobre Deus, Pai da criação, já que acabei me perdendo por caminhos tenebrosos do mundo?

Depois de silenciar por alguns minutos, passou a externar os seus sentimentos em forma de oração, o que lhe ocorria pela primeira vez, desde quando ficara adulto no corpo físico, na existência material que havia se findado.

Oh, Deus! Compreendendo enfim que não poderei exterminar, de vez, esta minha vida inútil, como gostaria, porque já morri, mas continuo vivo; que me transformei num criminoso e me ocultei da justiça dos homens; que me encontro fragiliza-



do e sem forças para suportar este fogo que parece me devorar por dentro, como se o inferno se localizasse em minhas entranhas, curvo-me diante da tua grandiosidade, do teu poder, entregando-me à tua justiça e, seja qual for, doravante, o destino apontado pela tua compaixão, eu acatarei, pois, embora eu tenha sido motivado por algumas circunstâncias, reconheço que um criminoso que tenta burlar as leis, para não responder pelos seus delitos, como eu agi covardemente, não se sente em condições de rogar pelo teu perdão, por saber que não há merecimento para tal...

Entretanto, Senhor Deus, imagino que uma ínfima fagulha do teu santo amor, na qualidade de misericórdia, seria para mim, que aqui me encontro na condição de um germe rastejando no lamaçal da obscuridade, um bálsamo reconfortante...

Reconheço que sou um mísero ser, que não deveria sequer pronunciar o teu santo nome. Entretanto, há algo dentro de mim, que me impulsiona, motivando-me à crença numa réstia de esperança. Esperança, Senhor, que só pode ser sustentada na confiança que se pode ter em ti, que, só agora, consigo aceitá-lo como pai justo e perfeito.

Após a prece, que ocorreu depois de cinco décadas nas zonas obscuras do umbral, Monteiro, no auge do sofrimento moral, lembrou-se assim de Deus, demonstrando vontade de aceitar, doravante, a ação da justiça divina. Percebendo essa nova disposição de mudança, os espíritos que atendem as orientações do divino Mestre, resgataram-no do ambiente onde experimentara as mais profundas dores morais, junto a tantos outros que, certamente, enveredaram pelos caminhos da vingança, do ciúme, da traição, da criminalidade...

Depois de algum tempo, recebendo assistência dos espíritos, trabalhadores de uma estância espiritual, localizada na terceira esfera do planeta, Monteiro recebeu a visita de um espírito que, depois de

se identificar, passou, na qualidade de instrutor e orientador, aos esclarecimentos iniciais que a situação requeria.

- Monteiro... A sua atual situação exige uma postura em relação a você mesmo, não muito rigorosa e nem tão atenuante como demonstra a sua tendência, pois, sem a busca anterior da verdade, para compreender determinadas circunstâncias, não se deve agir e tampouco assumir um posicionamento sem que esteja cometendo um grande engano.

Monteiro, que sequer imaginava as intenções do espírito que o visitava, ao ouvi-lo, assustou-se, por causa das lembranças amargas dos fatos que o conduziram, ao desencarnar, diretamente ao umbral. Imaginando que o instrutor Aldo estaria ali com o único objetivo de julgá-lo, pois, apesar de ainda insistir na atenuante, que fazia questão de usar como autodefesa, sentia-se um criminoso que, certamente estaria naquela estância de socorro e amparo, tão somente pela misericórdia de Deus, conforme havia pedido na prece proferida no auge do desespero.

Percebendo o pensamento equivocado, o instrutor Aldo explicou:

- “Não julgueis”, disse o divino Mestre! Quem sou para julgar os seus feitos, Monteiro? Por enquanto, posso apenas garantir que há um caminho para corrigir a ótica distorcida e chegar à verdade propriamente dita!

Aflito, por imaginar que só ele mesmo sabia das suas particularidades, Monteiro perguntou com os olhos fixos no instrutor:

- A que verdade o senhor se refere?

- Peço que se sinta à vontade e não precisa me tratar de senhor, pois, além de sermos todos iguais perante Deus, tenho por hábito usar este tratamento, ao me dirigir em oração a Deus, o supremo criador, e a Jesus Cristo, o nosso sublime orientador. Mas em relação a sua pergunta, a sua própria consciência o encaminhará às respostas necessárias, para esclarecer as suas dúvidas ante fatos novos que, certamente, você vivenciará.

Percebendo que o instrutor tinha conhecimento da sua situação, Monteiro, desconsolado, tratou de se justificar:

- Eu penso, mesmo se tratando de uma ação violenta, que a culpa se encontra muito mais em quem cometeu as provocações. Não fosse isso, jamais eu agiria...

Tomado de pavor, pois imagens das cenas voltavam muito vivas à sua mente, silenciou. Mas ainda assim, minutos depois, insistindo em se justificar, voltou a falar ante a presença agradável do orientador espiritual:

- É muito difícil sofrer uma pérfida traição como a que me ocorreu e reagir com o perdão. Esquecer, "deixar para lá", como dizia a minha mãe, quando eu era jovem.

- Falávamos há pouco da verdade - respondeu o orientador. E perguntou: - Tem certeza absoluta de que foi traído ou se deixou trair pelo ciúme, o despeito e o ódio?

- Eu vi! - respondeu abruptamente Monteiro.

- Nem sempre o que vemos é o que devemos entender como verdade - replicou o orientador.

- Gostaria de não ter ainda despertado do sono que fui acometido, logo depois de socorrido. Só assim não sentiria esse fogo a me devorar por dentro! - falou, em tom de lamento.

- Se não podemos fugir dos reclames da consciência, é óbvio que se faz necessário enfrentar, em nós mesmos, o resultado das dificuldades que criamos.

Percebendo que Monteiro se encontrava atento, o instrutor voltou a falar, depois de pequena pausa:

- Além dos esclarecimentos preliminares, aqui me encontro para conduzi-lo ao início da necessária preparação para o seu retorno ao plano material, através da reencarnação...

Monteiro, que enquanto reencarnado não concebera essa ideia, levantou-se de onde se encontrava sentado e interrompeu brusca-mente a fala do instrutor espiritual:

- Esse assunto não me diz respeito, porque, para mim, é uma miragem! Encontra-se, apenas, na imaginação.

- Não se apresse em conceituar o que simplesmente não acredita, por falta de conhecimento! Aguarde com paciência! Tudo que lhe é ainda dúvida, mas necessário para ajudá-lo a se situar, certamente será esclarecido. Mas peço que atente para o sentido dos esclarecimentos, que doravante lhe serão disponibilizados, pois, por enquanto, essa é a sua tarefa, se realmente deseja acatar as determinações da Justiça Divina, de acordo com a sua real situação, conforme a sua rogativa a Deus, quando no auge do sofrimento.

O instrutor silenciou, e Monteiro, cabisbaixo, começou a pensar no que acabara de ouvir sobre a possibilidade de retornar ao plano material e, demonstrando que não havia entendido, perguntou:

- Eu nunca antes acreditei em reencarnação. Mas já que o senhor está falando que existe, diga-me, por favor: quantas vezes, então, o espírito precisa reencarnar?

- Tantas quanto forem necessárias, para o seu aperfeiçoamento.

- Então, não havendo um número exato e já que o espírito não morre, a gente tem que ficar eternamente nessa agonia de ir e voltar? Se está aqui, por exemplo, tem que voltar para lá. Quando está lá, tem que voltar para cá! Assim a vida vai ser apenas um vai e vem sem fim?

- A resposta já foi dada há pouco, quando me referi a quantidade de vezes: tantas quanto necessárias, para o aperfeiçoamento. Mas isso não significa que o número seja igual para todos.

- Mas eu já ouvi dizer que, perante Deus, todos são iguais! Se isso é verdade, esse vai e vem da vida deve ser igual, também, para todos!

- Somos iguais perante Deus, porque, além de termos sido criados pela Sua vontade e essência do Seu amor, as leis divinas que regem a vida são iguais para todos; as oportunidades são as mesmas no tocante ao desenvolvimento moral e conseqüente aperfeiçoamento espiritual. A diferença existe, apenas, no modo adotado por cada criatura, em referência ao aproveitamento. Afinal, o livre-arbítrio,

uma das leis imutáveis que regem o Universo, proporciona liberdade de ação, e, assim sendo, o espírito, encarnado ou desencarnado, age da sua própria maneira e para toda ação há uma reação. Os que procuram acertar mais, adquirindo por isso experiências positivas, certamente, reduzirão o número de reencarnações e os que não observam os ditames das leis divinas e não se interessam pelo crescimento, atrasam o seu aperfeiçoamento e por isso mesmo terão de reencarnar mais vezes.

Parou a explicação por instantes e, como Monteiro ficasse calado, rematou:

- É possível que, pelo desejável entendimento, você se recomponha e crie novas disposições. Não lhe faltarão motivos para tal, pois o referido entendimento surgirá, inicialmente, por situações impacientes, todavia necessárias para o despertar da verdade. Acalme o seu íntimo, confie no divino Mestre e procure, o quanto possível, se sentir filho de Deus! Agora, peço que me acompanhe.

Na trajetória, em vez de aproveitar o bem-estar causado pela companhia agradável do orientador, Monteiro voltou o pensamento ao passado e depois de relembrar as imagens dos acontecimentos, causas da sua longa estadia nas zonas obscuras do umbral, conforme já citado, passou a fazer julgamento, atitude contrária à recomendação de Jesus: *Não julgueis*.

- Se existe realmente inferno - pensava ele - , o sedutor deve se encontrar nas profundezas! Ora, foi ele que destruiu o meu lar, minha felicidade! Elisa era muito pura e bondosa! Para chegar à pérfida traição, teria que ser influenciada a ponto de não poder mais reagir! E por isso não tive, sequer, a felicidade de apertar nos braços um filho, pois estávamos casados havia pouco tempo! Não me conformo com essa dor, que parece me matar a cada dia, a cada hora, a cada minuto... Mas, infelizmente, continuo vivo.

- Monteiro, se você não tentar recompor a sua mente e prosseguir julgando e alimentando resquícios de ódio, acabará, inevitavel-

mente, voltando para o mesmo local onde foi encontrado – advertiu o instrutor Aldo.

Assustado com a reação do orientador, ele pensou:

– Quem é essa figura, que sabe até o que eu penso? Será que nem para os meus pensamentos tenho mais privacidade?

Apesar de se defrontar, constantemente, com as imagens dos fatos que o conduziram, ao desencarnar, à situação deprimente que experimentara até chegar ali, ele ainda não se dava conta de que as imagens criadas pelo pensamento não são percebidas, apenas, por quem as cria, mas também, por outros espíritos que contam com essa condição, como no presente caso, o instrutor Aldo.

Aproximaram-se da entrada de um prédio, mas o candidato a reencarnação parou de vez na porta e falou cismado:

– Desculpe-me! Mas eu não estou com vontade de entrar aqui!

Bondoso e paciente, o instrutor segurou-o, delicadamente, pelo braço e explicou:

– Apesar do livre-arbítrio, a situação momentânea apresenta, como oportunidade, apenas duas saídas: experimentar por alguns momentos o remédio, aparentemente, amargo, ou continuar na condição de doente moral.

Ele aquiesceu, embora, a contragosto. Antes, na sala de amplas proporções, onde se encontravam algumas dezenas de espíritos desencarnados, ouvindo explicações detalhadas de um expositor, sobre a reencarnação, o instrutor Aldo sugeriu:

– Sente-se e preste atenção ao que ele diz:

Ao vê-lo entrando no salão, o referido expositor fez uma pausa e falou em bom tom, acenando na direção do visitante:

– Seja bem-vindo!

O candidato à reencarnação fixou nele o olhar e recuou. Contrariado, em vez de se acomodar numa cadeira para ouvi-lo, conforme sugestão do instrutor, deu meia-volta e saiu, imediatamente, da sala. Os demais espíritos não entenderam a atitude, aparentemente

estranha, do visitante. Contudo, tanto o instrutor quanto o expositor conheciam os motivos que levaram Monteiro àquela desagradável reação. Tanto que Aldo, paciente e bondoso, acompanhou-o tentando acalmá-lo:

- É preciso coragem e humildade diante de situações de semelhante natureza...

- Não posso acreditar no que acabo de ver! - interrompeu bruscamente e prosseguiu protestando. - Isto é uma injustiça! Este lugar é também do jeito de lá, na Terra! Como pode uma pessoa de má conduta, semelhante a esse aí, desfrutar de privilégios? Que lugar é este, para onde me trouxeram?! Só assim posso ter a certeza de que não há justiça nem na Terra e nem em lugar algum!

- Como denegri-lo tão impiedosamente, sem sequer conhecê-lo?

- A fisionomia e a aversão que sinto por ele me acompanham como um fantasma a me perturbar. Vi-o muitas vezes em sonho, tentando se dirigir a mim, mas eu o repudiava como, ainda agora, o repudio!

- Não devo pedir a você o que ainda lhe falta. Mas, dentro do possível, procure amenizar este sentimento, porque Sandro também sofreu muito até recuperar o equilíbrio e chegar à condição em que hoje se encontra. Saiba que esta rápida visita representa um item da sua primeira lição. Porque, para aproveitar toda ela, a convivência com ele, durante um certo tempo, será indispensável. Não se esqueça, conforme já falei, de que, às vezes, o que tomamos como verdade, pode, apenas, se tratar de um engano.

Monteiro não concordou. Contudo, silenciou, por falta de argumento.

- Levo-o de volta - disse o instrutor.

No trajeto, enquanto o candidato à reencarnação permanecia calado, o instrutor Aldo tentava ajudá-lo:

- Você terá tempo suficiente para digerir isso e chegar à melhor compreensão.

- Difícil! Muito difícil! - respondeu.
- Não é bom determinar dificuldades, quando ainda, sequer, deu o primeiro passo para percorrer toda a trajetória.

\* \* \*

DUAS SEMANAS DEPOIS, tempo reservado para o candidato à reencarnação fazer alguma leitura útil e se refazer da impressão causada no encontro com Sandro, a quem imputava a culpabilidade da situação amarga que experimentava, encontrava-se descrente da realidade, o que não passou despercebido ao instrutor Aldo:

- É proveitoso que façamos, hoje, uma visita a um local onde, certamente, você poderá recolher entendimentos relativos à verdade e também ao engano, visto como verdade.

- Espero que não seja tão difícil como a primeira situação, que ainda agora não consigo estabelecer qualquer tipo de entendimento que me possa situar, embora já consiga aceitar que, de uma forma ou de outra agi mal, o que me tira o direito de censurar o comportamento alheio.

- Isso pode ser considerado um bom sinal! O suficiente para um passo à frente - afirmou, com ênfase, o instrutor.

Assim conversando, se deram conta de que se encontravam diante de uma edificação, a qual, se destacava de tantas outras, pela disposição das cores, que geravam formatos harmônicos de impressionante beleza. A edificação tinha a forma de um quadrilátero retangular, cujos lados eram divididos em vários compartimentos, e, no centro, um grande pátio a céu aberto, repleto de plantas ornamentais e flores diversas.

- Nunca imaginei ver algo assim tão belo! Difícil de descrever, mesmo com todo conhecimento que eu retivesse! Não mereço estar aqui, pois sei que não passo de um decaído! - lamentou o candidato à reencarnação.



- Realinhe o seu pensamento e procure entender, Monteiro, que você não se encontra aqui, na condição de turista, como ocorre no plano material. Contudo, mesmo não se tratando de um merecido passeio, nada impede de se deixar dominar, momentaneamente, pela emoção ante o belo!

Mas logo a contemplação de Monteiro foi interrompida por um alarido vindo das quatro direções. Eram dezenas de crianças desencarnadas que saíam dos compartimentos, certamente, para se divertirem entre a beleza das plantas e das flores. Sem compreender o que via, ele dirigiu um olhar interrogativo ao instrutor, que passou a explicar:

- São espíritos que tiveram a reencarnação precocemente interrompida. Devido ao gênero da desencarnação, esses espíritos são mantidos, periodicamente, na condição psíquica de criança, para evitar o choque emocional da desencarnação prematura, pois um bom número delas sequer chegou a renascer...

Interrompeu a fala, ao ver uma daquelas crianças correndo em sua direção. Mas em vez de se aproximar do instrutor, ela parou a certa distância e permaneceu em pé com o olhar fixo em Monteiro. Percebendo o receio que ela demonstrava, Aldo tratou de encorajá-la:

- Venha, amiguinha!

Com a mesma sinceridade que notamos na criança encarnada, ela respondeu:

- Eu tenho medo dele!

O instrutor, então, depois de recomendar a Monteiro que o esperasse ali mesmo, onde se encontrava, foi ao encontro da criança espiritual. Logo que ele se aproximou, ela jogou-se nos braços dele, como fazia toda vez que o encontrava, buscando o carinho paternal, embora Aldo não tivesse sido seu pai nas últimas existências.

Monteiro, que observava admirado aquele belo quadro que só o amor poderia expressar, quando o instrutor retornou, ele foi logo perguntando:

- Posso saber por que a menininha não se aproximou de mim?  
- A menininha, conforme a sua expressão, foi expulsa do útero da mãe, que desencarnou assassinada pelo marido ciumento.

- Que me diz?!

- Sim, Monteiro. Não é de estranhar, em se tratando da heterogeneidade evolutiva dos seres humanos na Terra.

- Não consigo compreender por que ela se sentiu incomodada com a minha presença!

- Se não consegue deduzir agora, conseguirá, certamente, em outra oportunidade. Contudo, é bom saber que a depender do estado emocional da situação moral ou do patamar evolutivo, o espírito pode conviver durante algum tempo com os que serão seus pais, antes de ser processada a sua ligação com o futuro corpo físico, o que acontece logo após a fecundação<sup>1</sup>, iniciando-se, assim, a reencarnação. É uma oportunidade de se aclimatar ao ambiente que será o seu novo lar. Assim sendo, mesmo que ele não chegue a renascer, por causa da interrupção da gestação, seja natural ou provocada, é possível que não se esqueça do que percebeu no citado ambiente, como as feições dos que seriam os seus pais, embora continue, mentalmente, no estado infantil, como no presente caso. Esqueceria certamente se completasse o processo reencarnatório.

Depois de instantes, Monteiro comentou, tentando amenizar:

- Ainda bem que Elisa não chegou a ser mãe - falou, referindo-se à ex-esposa.

- Se considerássemos mãe somente as que conseguem apertar nos braços o filho amado depois de nascido, sim! Mas a mulher pode ser considerada mãe desde a ocorrência da fecundação, proveniente do encontro do gameta masculino com o feminino e a imediata ligação do espírito reencarnante com o corpo físico em formação. E quem lhe garante que Elisa não se encontrava nessa situação?

---

1 Junção dos gametas masculino e feminino.

- Não, não! Porque se assim fosse, ela teria me participado, pois sabia o quanto eu desejava ser pai! - argumentou Monteiro.

- Não é regra geral a mulher dar conta da gravidez ao esposo quando ela mesma ainda não tem certeza!

- Atribui a mim a responsabilidade por este espírito não ter chegado a renascer?

- Por enquanto, estou tentando ajudá-lo a compreender que nem tudo é ou se encontra segundo a nossa ótica. Enganos acontecem! Entretanto, só você poderá provar a si mesmo onde se encontra a verdade.

Iam saindo, quando um espírito com aparência feminina apareceu do outro lado do grande espaço e acenou sorridente para o orientador. Monteiro, curioso, dirigiu o olhar na direção e, pasmo, parou de caminhar. Sem qualquer palavra, dirigiu o olhar para o instrutor, que não se fez de rogado:

- Ela coordena este educandário infantil há trinta anos, desde que retornou da sua última reencarnação. Espírito dedicado ao bem, vem cultivando em várias existências materiais, o amor universal e com profundo sentimento maternal vem se dedicando também, não somente aos seus próprios filhos, mas aos filhos de todas as mães, sem distinção e, com isso, adquirindo farto conhecimento sobre a educação e a instrução infantil, o que já desempenha com inegável eficiência.

- Por favor, tire-me daqui, antes que eu passe a desacreditar no que os meus próprios olhos veem! Estou certo que conheço essa criatura! Lembro-me que lá mesmo, na cidade onde eu vivi, ela era vista por muitos como uma pessoa de má fama. Andava, de porta em porta, pedindo gêneros alimentícios e qualquer outro tipo de ajuda, segundo ela, para um grupo de crianças maltrapilhas, filhas de pais irresponsáveis que portavam vícios diversos. Pessoas de mau comportamento que envergonhavam a cidade! Essa mulher se misturava a essa gente e, por isso mesmo, muitas pessoas não a deixavam,

sequer, aproximar-se da casa, como eu mesmo por várias vezes. Ela só deixou de me importunar, depois que lhe fiz ameaças! Mas ainda assim insistia no seu petitório, incomodando as pessoas de bem. Andava malvestida, de tal maneira que as moças e as senhoras se afastavam dela, sempre que a viam pelas ruas da cidade! E a maioria não atendia aos seus pedidos, porque, segundo falavam, ela usava o argumento de estar cuidando das citadas crianças, para justificar o seu pedido, pois o que recebia era para ela mesma!

O instrutor Aldo, depois de ouvi-lo e pacientemente explicar que a aparência não define o caráter, o grau de adiantamento moral e nem o patamar evolutivo do ser, reiterou:

– Essa respeitável criatura é um espírito de considerável evolução. Durante várias existências foi voluntariamente mãe, pelo coração, de crianças abandonadas pelos pais, renegadas pela sociedade e pelos poderes públicos. Essa criatura, como você se refere a ela, é uma servidora leal de Jesus, pois quando se encontra encarnada, segue à risca os seus ensinamentos, inclusive, vestindo nus, visitando enfermos, alimentando famintos, principalmente nos bolsões de miséria, onde ainda não germinou a semente da fraternidade, o que prova a sua grande capacidade de amar. E quando para aqui retorna, apesar da humildade já adquirida, não consegue esconder de nós outros o seu admirável crescimento espiritual. Sem querer julgá-los, os que assim se comportaram, certamente, ainda não haviam cultivado o amor ao próximo, ou se encontravam arraigados aos bens materiais, em detrimento dos bens morais e espirituais. Você mesmo, Monteiro, não se deu ao interesse de conhecer a real intenção dela, ao pedir ajuda. Por isso mesmo, não chegou a tomar conhecimento do seu trabalho educativo nos campos da formação pessoal e da instrução; não soube, por exemplo, que ela, usando os recursos que recebia dos poucos que atendiam aos seus pedidos, além de alimentar as referidas crianças, mantinha uma escolinha, onde alfabetizava e educava domesticamente todos os seus filhos pelo coração.

Ante a fisionomia de espanto de Monteiro, o instrutor fez pequena pausa e ponderou:

- Reafirmo a proposta de Jesus, de que não devemos julgar e, principalmente, pela aparência. Posso garantir que todos que a conceituaram da maneira descrita por você, se assim de fato ocorreu, já que você ouviu falar, erraram, pois se trata de um espírito cheio de nobreza e sabedoria.

- Difícil! Muito difícil compreender tudo isso!

- Por hoje chega, Monteiro! Em sete dias, vamos nos reencontrar. Então, terá tempo suficiente para pensar e compreender - falou o bondoso instrutor. Acenou, sorrindo, e se foi.

Monteiro estranhou o fato de o instrutor não o acompanhar, como na última vez. Contudo, aproveitou a oportunidade para seguir caminhando, mesmo sem ter noção para onde estava indo, já que ainda não conhecia a pequena cidade espiritual. Sem o devido cuidado de vigiar os pensamentos, voltou as lembranças ao passado e, imediatamente, imagens desagradáveis começaram a desfilar diante de sua mente. Percebeu, no seu campo mental, um grupo de espíritos que o condenava, maldizendo-o. Ele sacudiu a cabeça, como se isso fosse o suficiente para se livrar do incômodo, mas não conseguiu.

Assim, caminhando, acabou se aproximando do extenso portão da Estância, que a separava da parte exterior, onde se localizava o umbral<sup>2</sup>, e percebeu que as imagens começavam a desaparecer da sua mente, como se cedessem lugar a um alarido vindo daquela região sombria. Aguçou a sensibilidade, até onde a sua condição permitia e passou a ouvir seu nome sendo pronunciado por aquelas vozes, que reclamavam justiça. Sem vigilância, deixou-se contrariar e aumentou os passos disposto a revidar a suposta ofensa, mas antes

---

2 Umbral, neste caso, identifica uma região de vibrações densas, por conta dos pensamentos e condição espiritual daqueles que ali se encontram. **N.R.**

de chegar ao portão, um espírito, dentre os que atuavam ali, na qualidade de vigilante, notando as suas intenções, advertiu-o:

- Caro irmão! Alinhe o pensamento, focando, por exemplo, um dos vários ensinamentos de Jesus, nosso divino Mestre! Mude imediatamente a sua atenção, porque, do jeito que se encontra, está correndo sério risco de se juntar a eles, sem resistência.

Monteiro, como alguém que acaba de despertar de um pesadelo, tentou se desculpar:

- Não tenho conhecimento de uma acusação sequer que eles me fazem e nem sei de quem se trata! Estou certo de que, pessoalmente, não fiz o que me acusam. Ora, sei que errei muito; contudo, estou convicto de que nunca orientei quem quer que fosse, para subjugar, maltratar ou tentar contra a integridade física, ou moral de qualquer pessoa.

- É possível que você esteja certo ao afirmar isso. Contudo, às vezes, muitas situações boas ou más são criadas por pessoas com quem convivemos e confiamos. E não é de admirar que muitos fatos ocorram bem diferentes da orientação que damos a alguém, mas, pelo fato de não termos agido diretamente, não estamos isentos da culpa. Ao mandar ou pedir a alguém para fazer algo do nosso interesse, cabe-nos, a bem da responsabilidade, procurar saber como foi feito.

Monteiro, apesar do apoio recebido, deixou o local e seguiu rapidamente até chegar, emocionalmente abalado, ao cômodo que ocupava, falando para si mesmo:

- Meu Deus, meu Deus! Que será de mim, com tanta gente reclamando de coisas de que não me lembro ter feito? Nunca imaginei, mesmo com todos os erros que, infelizmente, cometi, que seria tão difícil morrer e continuar vivendo! Sinto-me como se estivesse rodeado por espelhos gigantes, onde tudo se refletisse com toda clareza. E isso me deixa convicto de que é muito ruim morrer sem paz na consciência! Oh, Deus! Tem compaixão de mim!

Alguns dias depois, Monteiro se encontrava lendo e tentando entender o conteúdo de algumas páginas de um livro, que o instrutor Aldo havia deixado em suas mãos, mas parou a leitura ao perceber que ele, Aldo, estava chegando:

- Monteiro! Hoje deveremos visitar o hospital da Estância, mais conhecido como "Dos Recém-Chegados". Certamente, algum ensinamento útil nos aguarda por lá. Devo preveni-lo de que, seja qual for a situação que deparar, deveremos nos manter pacientes e compreensivos, vez que estaremos diante de irmãos nossos, que se encontram na condição de enfermos. Coloquemos, desde já, o pensamento em Jesus, recordando seus exemplos quando, diante de seus acusadores, que o levaram à cruz, e diante daqueles que lhe faltaram com a lealdade, dos que haviam jurado fidelidade, mas que, no momento supremo da sua dor, abandonaram-no.

Assim conversando, chegavam ao local, ainda desconhecido do pretendente à reencarnação. Logo que entraram, seguiram um longo corredor. Um pouco mais à frente, o instrutor Aldo falou apontando:

- Aquela porta ali, de número 43, seguido das letras A e P, que significam amor ao próximo, é do compartimento onde se encontra um dos motivos da nossa visita. Espero que se mantenha em equilíbrio e use a paciência, o tanto que lhe for possível, sem faltar com a tolerância e a humildade. Pois a verdade com que nos depararemos, mesmo que lhe pareça dura ou cruel, poderá ser comparada à gota amarga de um medicamento.

O compartimento lembrava, longe, um quarto de hospital, tendo dos lados dois leitos ocupados por pacientes. Logo que entraram, um deles, apesar de ter sido previamente avisado da visita, ao ver Monteiro se aproximando, levantou-se bruscamente e começou a falar, com o dedo em riste:

- Foi você quem arruinou a minha vida! Saia daqui! Por favor... Retire-se, porque a sua presença me faz mal!

Gritava desesperado e ofegante, demonstrando o mal-estar que a presença de Monteiro lhe causara. O instrutor cuidou imediatamente de reequilibrar o paciente, na tentativa de chegar ao seu objetivo, que seria um desabafo franco por parte dele e também obter a necessária compreensão de Monteiro, a fim de que chegassem a um entendimento, o que ajudaria a ambos.

Naquele momento, ele se lembrava de Jesus, quando recomendou: “Reconcilia-te com o teu irmão, enquanto estiver a caminho com ele”, mas a situação momentânea não foi favorável, pois o paciente, para se acalmar, precisou entrar em sono profundo, provocado com ajuda do instrutor.

Monteiro, sem paciência de esperar, dirigiu o olhar cheio de interrogação ao instrutor, que falou bondoso e sem qualquer afetação oriunda do ocorrido:

- É apenas o indício de mais uma lição preparatória.
- O senhor me desculpe! Mas se eu sequer sei de quem se trata, que mal eu poderia ter feito a ele para me acusar de algo que nem imagino houvesse ocorrido? E assim sendo, como servir esse fato de lição, conforme a sua informação?
- Nem sempre erros ou acertos são postos em prática diretamente. Decisões nossas, delegadas a outrem, podem atingir da mesma forma os objetivos, desejáveis ou indesejáveis. Às vezes, a defesa de um mero interesse ou simplesmente o fato de pensar diferente podem ser o suficiente para desencadear, desde uma insatisfação até o ódio propriamente dito, a depender da intensidade emotiva usada para tal.
- Posso desistir de tudo isso e me esquecer do renascimento na Terra?
- Temos todos o direito ao uso da lei do livre-arbítrio, quando nos encontramos livres para semear. Entretanto, essa mesma liberdade não pode ser usada na colheita, como está configurada a sua situação, a qual, não se expressa pela liberdade de escolha. Trata-se



de um devedor que, moralmente, tem consciência de que deve se recompor perante as leis imutáveis, excepcionalmente a Justiça Divina, cuja ação leva o infrator a um processo educativo, que pode ser pela dor, a depender da necessidade já estabelecida pela própria ação do infrator. Entretanto, é possível reverter este mesmo processo educativo, em ações benéficas em nome da caridade como expressão do amor. Afinal, Jesus asseverou que o amor cobre a multidão, isto é, os muitos pecados<sup>3</sup>. Todavia, certo é que quem experimenta essa situação não consegue fugir ou se esconder intencionalmente, para não cumprir esse dever, porque ele se encontra na própria consciência. Se não há condições de anulá-lo, também não há como enganar a consciência, uma vez que a ela estão circunscritas as leis divinas.

O instrutor silenciou por instantes, ensejando o melhor entendimento de Monteiro, que ouvia interessado. Em seguida, reiterou:

- Não se trata de revide ou castigo, mas o justo e correto cumprimento das leis universais, sob a constante ação da Justiça Divina.

- Então eu não posso ficar mesmo fora desse vai e vem da vida?

O instrutor Aldo respondeu, sorrindo:

- O vai e vem da vida, como se refere à reencarnação, é uma lei imutável, na qual se encontra o perdão do Pai, o divino Criador, ensejando aos Seus filhos nova oportunidade de refazimento através da melhoria das qualidades morais e conseqüente crescimento espiritual. Mas para o seu melhor entendimento, o vai e vem a que se refere não se limita apenas à reencarnação, pois tem presença marcante na lei de ação e reação.

O instrutor continuou, atencioso:

- Estamos sempre emitindo algo de nós, que nunca fica sem resposta. Creio que, só depois de adquirir conhecimentos preliminares, que lhe servirão de fundamento, compreenderá melhor este assunto,

---

3 Na verdade, o pensamento é atribuído ao discípulo Simão Pedro. Que certamente deve tê-lo ouvido do mestre Jesus. **N.R.**

já que o fruto tem o seu tempo certo para amadurecimento. Mas para ajudar o raciocínio, lembro-lhe que a base de um endereçamento de uma carta – como a comunicação entre os encarnados – encontra-se entre o remetente e o destinatário. No conteúdo da correspondência, há sempre um tratado que pode ser assunto pessoal ou de outro qualquer, o qual acaba sempre provocando uma resposta, de acordo com a natureza da proposta. Todavia, mesmo que a referida correspondência não chegue ao destinatário, acaba retornando ao remetente, quase sempre com uma citação dos correios dando conta de que o destinatário não foi encontrado. Notamos que, de uma forma ou de outra, há sempre um retorno. Do mesmo jeito, Monteiro, são os nossos pensamentos, ações e sentimentos dirigidos às pessoas, os quais acabam provocando uma reação, com a mesma qualificação da ação perpetrada.

Por instantes, Monteiro não emitiu qualquer palavra. Ficou pensativo, com o olhar fixo num ponto incerto. Em seguida, exclamou:

– É impressionante como a vida é repleta de idas e vindas, bate-voltas! Como as ondas do mar... Um indo e vindo sem fim!

Depois do proveitoso diálogo, eles se dirigiram a outro compartimento que ficava no final do corredor. Antes de entrar, o instrutor Aldo recomendou tolerância e paciência ao seu acompanhante, que mantivesse respeito ao direito de expressão que é inerente a todos, já que o espírito que seria visitado se tratava de pessoa conhecida de Monteiro, com quem convivera na última existência na Terra. E recomendou, com ênfase:

– Ouça! Apenas ouça, sem intervir e sem responder a qualquer palavra que lhe pareça acusadora, porque não se logra bom proveito de discussões acirradas, principalmente em se tratando de assuntos de tal natureza. Este encontro é muito importante para ele, que precisa falar, e para você, que precisa ouvir.

Depois das recomendações, o instrutor entrou sozinho, no compartimento, certamente para proceder às recomendações, também, ao espírito que ali se encontrava, inconformado por

falta de uma informação que considerava importante para o seu reequilíbrio. A informação, que ele tanto queria, poderia ser prestada pelo instrutor Aldo, conhecedor em detalhe de toda a história, mas ele preferiu efetuar o encontro com o objetivo único de estabelecer a harmonia pelo perdão, o que poderia ocorrer, ou não, naquela oportunidade.

– Venha! – convidou o instrutor Aldo, minutos depois, acenando da porta do compartimento.

O referido espírito, com aparência de um idoso, apesar de já estar conscientizado e ter aceitado o encontro, demonstrava sinais de abatimento por causa de lembranças amargas que, certamente, a presença do visitante lhe despertaria. Mas, compreensivo e ciente de que na oportunidade poderia conseguir resolver uma situação que vinha, desde há muito, prejudicando o seu preparo para o retorno ao plano material, reconsiderou e tratou de amenizar, lembrando-se da lição do perdão, conforme ensinada e exemplificada por Jesus. Já Monteiro, por sua vez, ao vê-lo, sentiu-se impactado e recuou, dando alguns passos para trás, exclamando:

– Permita-me não passar, agora, por essa situação, porque eu não me sinto intimamente em condições! Eu... Eu...

Sem mais saber o que dizer, dirigiu-se à porta, disposto a sair, mas o bondoso instrutor tomou-lhe a passagem, recomendando:

– Ouça-o com coragem e paciência!

Trêmulo, entrou cabisbaixo:

– Monteiro, Monteiro! – exclamou o espírito, e, em seguida, falou, com emoção: – Haveríamos de nos encontrar! A Justiça Divina sempre concede a oportunidade de reajuste, para unir, reunir... Lamentável se torna a vida quando o nosso comportamento nos conduz a desventuras como as que você deve estar experimentando e como eu mesmo, também, venho degustando o amargor da dúvida em relação a tudo de ruim que aconteceu, que ainda nesse momento fico a me perguntar, por quê...? Por quê...? Para quê...?

Monteiro permanecia estático. E o interlocutor continuou:

- Sabe com clareza do que eu estou falando, sem qualquer intenção de revide ou vingança, mas, sobretudo, lamentando por todos nós o sofrimento inenarrável gerado por reações perpetradas em minutos, na obscuridade do ódio, como imagino. Precisava vê-lo, repito: Não para acusá-lo, mas sobretudo para saber a verdade e recebê-la como oportunidade de provar a mim mesmo se ainda sou ou não capaz de odiar.

Parou por instantes e, depois da breve pausa, continuou:

- Podemos até ocultar dos homens os nossos erros, mas nunca de Deus e da própria consciência. A partir do fatídico acontecimento, a minha vida quanto a de Elba passou a ser, enquanto reencarnados, só sofrimento, sem qualquer probabilidade de obter resposta para a pergunta: "quem?" Cheguei aqui, ainda com a mesma interrogação. Mas, a verdade não pode ser como uma joia guardada dentro de um cofre, sem que alguém nunca se disponha a usá-la. Ela tem de ser conhecida, principalmente, por quem de direito. E como já tive o direito à resposta verdadeira dessa pergunta, agora formulo outra: "Por quê?" Por quê, Monteiro?!

Pelo tom da voz, podia-se facilmente perceber que ele não tinha lágrimas nos olhos, mas que chorava intimamente. E, por isso, fez uma pausa recomendada pelo instrutor e, tão logo se sentiu em condições, prosseguiu:

- Agradeço a Deus esta oportunidade, pois, logo que tomei conhecimento da verdade, ainda imaginava que existia inferno e que você, certamente, estaria nele. Mantinha essa ideia por causa do sentimento de vingança, que em mim despertara. Entretanto, agora, de consciência mais tranquila, espero a sua resposta, para que eu possa, também, avaliar a minha disposição de perdoar e poder, posteriormente, garantir não haver mais em mim qualquer resquício de ódio e, sim, desejo de vê-lo bem, como se meu filho você fosse. Assim, espero que ocorra, porque, na verdade, é você quem carrega dentro

de si uma grande dor, cujo remédio só pode ser conseguido, através de muito esforço, sofrimento e renúncia. Mas ainda assim, dependo muito da resposta da pergunta: “Por quê?” Por quê, Monteiro?

Monteiro sentiu vontade de dizer que fora traído por Elisa, como imaginava, mas o instrutor Aldo, percebendo as imagens do seu pensamento, aproximou mais um pouco de Clóvis e disse-lhe:

– No momento, ele também não se encontra de posse da verdade, propriamente dita. Mas confie e reequilibre-se, porque já não há mais justificativa para conviver com essa amargura. Creia que, antes do seu retorno ao plano material, Monteiro responderá às suas perguntas e tudo será esclarecido, já que essa informação se constitui para você, sobretudo, uma necessidade indispensável para o desejável reequilíbrio.

O espírito parou de falar, e Monteiro, cabisbaixo, demonstrava na fisionomia os mesmos sinais de quem se entrega ao choro como único recurso de alívio. Tentando superar, sentiu um forte desejo de pedir perdão, mas apenas balbuciou, sem, contudo, soltar a voz. Percebendo, o instrutor Aldo encorajou-o, e ele, depois de dirigir o olhar triste ao espírito Clóvis, que continuava na mesma posição, exclamou:

– Se Deus perdoa, ensejando uma nova oportunidade de recuperação, seja pelo merecimento da alegria ou pela dor merecida, conforme tenho ouvido do instrutor Aldo, dê-me também o seu perdão, como oportunidade de recuperação moral para o criminoso confesso que sou.

Clóvis levantou-se e estendeu a mão. Monteiro imitou o gesto, e as mãos que antes poderiam agir pela vingança, embora trêmulas, encontraram-se na harmonia da reconciliação. Depois de instantes, Clóvis puxou-o para junto de si e, sem conseguir evitar as lágrimas que fluíam abundantemente, abriu os braços para abraçá-lo.

Aquele espírito por nome Clóvis cultivara, durante o tempo de convivência com Monteiro, muito amor fraterno e, naquele momen-

to, esta chama veio à tona, de modo incontrolável. Quem consegue reter as torrentes do amor? Sem ele, o perdão se torna apenas palavras soltas ao vento. Assim, depois do abraço, Clóvis voltou a se expressar:

- Apesar de tudo, chego a sentir saudade dos bons tempos de paz e alegria, quando eu o tratava de meu filho! Quem sabe, no porvir? Prefiro alimentar essa esperança a julgá-lo ou condená-lo pelos seus atos, porque, depois que aqui cheguei, passei a relembrar de fatos ligados a algumas reencarnações pretéritas. Analisando o histórico do meu comportamento moral, pergunto: quem sou para julgá-lo?

Em seguida, depois de palavras de agradecimento ao instrutor, falou, já demonstrando repentina disposição:

- Tenho convicção de que não precisarei mais vir aqui à procura de alento, pois, agora, já me sinto bem melhor. A insatisfação por não estar de posse da verdade tem sido o real motivo da minha debilidade moral. Mas com a nova disposição provinda da possibilidade de saber do motivo que gerou toda a tragédia e por ter provado a mim mesmo que não sou mais capaz de odiar, seguirei em frente, sem qualquer empecilho.

Monteiro, por sua vez, apesar de saber que a reconciliação não o exonerava da sua culpabilidade diante da Divina Justiça, demonstrava-se mais refeito. Contudo, o seu sorriso era muito mais de tristeza do que de alegria. Agradeceu a Clóvis pelo perdão, e ia saindo, quando o instrutor Aldo, pedindo-lhe que voltasse, explicou:

- Monteiro, nosso querido irmão Clóvis, em breves dias, estará retornando ao mundo dos encarnados. Mesmo ciente de que antes disso vocês vão se reencontrar, não deixa de ser um bom ensejo, já que me encontro diante dos dois, para pedir que procurem manter o padrão de harmonia que acaba de ser estabelecido.

Monteiro estendeu a mão, falando:

- Seja venturoso e continue sempre bondoso, como no tempo em que o conheci!

Clóvis respondeu ainda bastante emocionado:

- Que Deus ilumine, com a Sua misericórdia, as nossas mentes, para que na próxima existência sejamos menos desditosos, mesmo com as tentações dos caminhos tortuosos do mundo.

- Por hoje é tudo - disse o bondoso instrutor.

Deixaram o compartimento, mas, tão logo começaram a caminhar pelo longo corredor, apontou, próximo ao local, por onde iam caminhando, um espírito, na figura feminina. Antes de entrar em uma das várias salas, acenou sorridente para o instrutor Aldo, que correspondeu ao cumprimento com visível satisfação.

Monteiro olhou na direção e parou de vez onde se encontrava, sem sequer completar o passo que havia dado, como se os pés estivessem colados ao chão, e perguntou com a voz quase inaudível:

- Ela, aqui?! Não posso acreditar em tamanha injustiça!

- Monteiro - interveio o instrutor. - Não há injustiça, pois se trata de um espírito de considerável evolução, já desperto para a caridade pelo amor, de conformidade com as explicações de Paulo de Tarso. Essa ala do hospital tem a sua responsabilidade, graças aos conhecimentos e experiências adquiridas em várias reencarnações, notadamente, a admirável habilidade para lidar com pacientes espirituais recém-desencarnados. Podemos considerá-la uma servidora leal de Jesus, o divino Mestre!

- Como isso pode ser, pois ela traiu perfidamente, destruiu o lar, manchou a minha reputação, a minha honra, o que gerou todo esse desatino... Dor, desespero...

- Monteiro... Já conversamos algumas vezes sobre a verdade e a possibilidade de nos enganarmos, mas, aparentemente, você não compreendeu ou compreendeu e não deseja aceitar. Lembre-se da mulher acusada de adultério que se encontrava prestes a desencarnar por apedrejamento e, cheia de pavor, aproximou-se do divino Mestre. Que disse Jesus aos que queriam apedrejá-la?

- Quem não tem pecado, atire a primeira pedra! - respondeu a contragosto.

- Quem estava certo, Jesus ou eles? - perguntou. E ficou, por instantes, aguardando a resposta. Mas como Monteiro ficasse calado, enfatizou:

- Que não seja você o primeiro a atirar a pedra do indevido julgamento. E procure não esquecer que, ao agir assim com tanta sabedoria, o Mestre divino doou para a posteridade o maior exemplo de justiça que, inclusive, poderia ser imitado, sem equívoco, pelos juristas do mundo.

Depois de nova pausa, o bondoso instrutor voltou a falar, tentando mostrar em pequenas doses a verdade dos fatos, ao candidato à reencarnação, como se faz com o conta-gotas, para evitar equívoco na administração do medicamento:

- No seu caso, Monteiro, é indispensável que antes de qualquer entendimento, procure admitir a sua culpabilidade, sem autopiedade e enfrentar com responsabilidade as consequências dos próprios atos. Em seguida, criar disposições para reparar os erros... Retificar as tortuosidades!

- De que maneira, se tudo já ocorreu e não há como voltar atrás? Se isso fosse possível, pediria, sim, para voltar no tempo e fazer tudo bem diferente!

Com o objetivo de avaliar o grau de assimilação apresentado por Monteiro, o instrutor Aldo, que já havia lhe explicado sobre o perdão de Deus ensejando uma nova oportunidade, voltou ao assunto:

- O que você já pôde assimilar sobre o perdão de Deus?

- Eu sempre pensei, conforme fui informado desde criança, que em casos menos graves, a depender da nossa vontade de não mais cometer erros, Deus perdoa, e ficamos isentos da culpa. Essa nova informação, de que Deus perdoa ensejando nova oportunidade, seria para mim uma esperança, se a minha situação não fosse, como



penso, irremediável, pois, apesar de ter sido levado ao desatino, sinto que não mereço o perdão divino.

– Não há qualquer comparação do perdão divino com a maneira equivocada de muitos pais, que, em vez de orientar o filho, relevam demasiadamente a indisciplina e as inclinações que não condizem com o comportamento moralmente sadio. No linguajar popular, “passam a mão na cabeça”... Deus perdoa, sim, ensejando uma nova oportunidade de soerguimento. Podemos citar a reencarnação como exemplo do perdão divino, porque, através das sucessivas existências, nós, espíritos, depuramos as imperfeições, adquirindo qualidades morais, refazendo o que não fizemos bem feito e avançando, sempre, com a abertura da inteligência, que nos facilita o posterior uso de potencialidades que se encontram em nós mesmos, em estado latente, aguardando o toque da coragem, da vontade e da persistência para o despertar.

Monteiro silenciou por instantes e em seguida perguntou:

– Acha que Deus me perdoaria?

– Há pouco você pediu e obteve o perdão de Clóvis. E a consequente reconciliação proporcionou-lhe, momentaneamente, reconforto íntimo. Será Clóvis melhor que Deus? Ora, Monteiro! Não fosse o perdão de Deus, você não estaria aqui se preparando para renascer na Terra.

– Eu voltarei a ser criança? A minha mãe também voltará... E eu serei seu filho! É isso que você quer me dizer?

– Tudo será esclarecido no decorrer do tempo e do seu interesse, sendo ele sincero. Entretanto, posso garantir que você voltará a ser criança, mas não filho da mesma mãe, já que esse espírito já se encontra reencarnado. É possível que, quando você retornar à crosta da Terra, para esse fim, aquela que em passada existência lhe serviu de mãe já esteja de volta ao Plano Espiritual.

Calou-se por instantes, observando as reações de Monteiro, e, instantes depois, voltou à explicação:

– O seu merecimento é que vai definir quem serão os seus pais, já que o programa está sendo elaborado segundo as suas reais necessidades. E a sua maior necessidade será apagar o ódio do passado com o cultivo do amor no presente. Mas, para que isso aconteça, justo se faz que sejam reunidos, numa mesma família consanguínea, todos os que se encontram separados pela inimizade. O local onde você renascerá e o modo de viver dos seus futuros pais ser-lhe-ão um apoio para o seu recomeço, até quando eles desencarnarem, o que ocorrerá quando você estiver ainda na adolescência. Nessa mesma época, seus futuros irmãos seguirão outros rumos, e você, sozinho, terá que se movimentar com as suas próprias forças, preparando-se para o enfrentamento dos efeitos, cujas causas se encontram na sua consciência.

– Se o objetivo de tudo isso, que você me propõe, for esse, peço que não tome trabalho comigo, porque eu jamais viveria em qualquer condição de parentesco junto a quem me traiu. E, muito pior: de quem me odeia! E considerando o grande erro que cometi, eles também jamais aceitariam isso!

– Você persiste em acusações sem posse de qualquer fundamento da verdade dos fatos. Volto a repetir: nem sempre o que vemos ou ouvimos se trata da verdade propriamente dita. Você ouve, por exemplo, alguém falar. “Fulano matou”... Sem esperar o restante da informação, apega-se à expressão chocante: “Fulano matou”. A expressão induz à imediata elaboração da ideia de que tenha ocorrido um homicídio. Entretanto, o referido “fulano” poderia estar se referindo à morte de qualquer outro ser vivo... Um inseto, por exemplo – falou, sorrindo.

E continuou:

– Não afirmo, contudo, que se deva matar, pois toda forma de vida é expressão da natureza divina. Estou sendo claro? Justamente por essa carência de percepção, é que Jesus falava: “Para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir”.

Depois de uma pausa proposital para melhor compreensão do assunto, por Monteiro, o instrutor prosseguiu, explicando:

- Ao ouvir falar em traição, a primeira ideia concebida pela pessoa que sofre os malefícios do ciúme é de que se trata da traição conjugal. Embora haja muitos tipos de traição, a tendência é conduzir a interpretação, imediatamente, para o lado da própria fragilidade. Essa tendência perniciosa cria, na mente daquele que a alimenta, uma espécie de fixação de ideia, incapacitando-o de uma percepção mais acurada, não somente do que ouve mas também do que vê. Em se tratando da convivência conjugal, a pessoa que se deixa conduzir pela falta de confiança gerada pelo ciúme, desespera-se a ponto de perder a lucidez, ao ver, por exemplo, a pessoa com quem convive cumprimentando, com um abraço, alguém do sexo oposto, mesmo sendo isso, habitual entre os encarnados. Ora, é possível que a pessoa, se homem ou mulher, esteja naquele momento, abraçando um ente querido, um amigo... Um irmão que, devido determinada circunstância, ainda lhe fosse desconhecido.

Parou de falar por instantes e depois de observar as reações de Monteiro, ante o que ouvia, asseverou:

- Para se estabelecer a verdade dos fatos é indispensável conhecê-lo, nos mínimos detalhes. Entretanto, mesmo chegando a uma situação, onde não se tenha mais condições de provar o contrário, o assunto não deve ser considerado como determinante, pois, ainda assim pode se tratar de um engano.

Monteiro ouviu, calado, as explicações pacientes e amigáveis do instrutor, que se dedicava com afinco àquele caso, não simplesmente pelo cumprimento do dever assumido há muito tempo, perante aquela colônia espiritual, mas, sobretudo, por ter conhecimento de merecimentos que Monteiro acumulara, em outras existências anteriores àquela em que fracassou. Esta era a razão pela qual Monteiro não conseguia entender o porquê de ali se encontrar recebendo tratamentos cuidadosos e atenciosos daquele bondoso instrutor, mes-

mo se sentindo um criminoso. Mas tão logo o instrutor silenciou, ele começou a falar:

- Apesar de todas as suas recomendações, eu não tenho muito que pensar para descobrir a verdade, uma vez que já a conheço, pois não vi apenas os fatos ocorrerem, mas sobretudo como ocorreram, já que faço parte desse triste drama.

- Asseguro que, dentre todos que compõem o grupo que viveu esse pesadelo, você é o único que parece não ter despertado para a sua própria realidade. E esse despertar é de grande importância, porque não se ensaja o perdão divino, sem o reconhecimento dos seus atos e, conseqüentemente, sem a disposição de compensar os malefícios causados a outros, sejam eles físicos ou morais. Por enquanto, julgue apenas a si mesmo, cultive a humildade e submeta-se à disciplina necessária, ensinada por essa Estância Espiritual. Isso é de grande valia, pois você não reencarnará da forma como gostaria, no que tange à família, lugar e situação de vida ou quanto ao que desejaria semear. Sua existência poderá ser muito mais de colheita, junto àqueles que foram prejudicados e que, ainda agora, desejam muito extravasar o sentimento de vingança que continuam alimentando. Se desejar mesmo aproveitar da misericórdia divina, dedique-se com vontade e entusiasmo às tarefas de aprendizagem e seja dócil, sem esquecer jamais que estamos todos ainda na condição de espíritos moralmente enfermos e que o único remédio é o amor na sua plenitude. Mas para alcançar esse estado, há muito a fazer e viver.

Fez breve pausa, perscrutando com o olhar o íntimo do seu interlocutor. E completou:

- Por enquanto, busque o reequilíbrio! E logo que se sentir em condições, medite, raciocine e se prepare para o enfrentamento de outras situações, também indispensáveis ao cometimento.

Acenou e seguiu para o cumprimento de outros deveres.